

## O “ATEÍSMO”<sup>1</sup> ANTROPOLÓGICO DE LUDWIG FEUERBACH: UMA PROPOSTA DE RESTAURAÇÃO DO SER HUMANO SENSORIAL

*Kelvin Amorim de Melo*<sup>2</sup>

*Agemir Bavaresco*<sup>3</sup>

**RESUMO:** O pensamento de Ludwig Feuerbach tem como proposta fundamental a compreensão dos fenômenos religiosos através da redução desses fenômenos à dimensão humana. Dessa forma, buscarei aqui entender em que aspectos a filosofia de Feuerbach não deve ser caracterizada meramente como uma “filosofia ateísta”, mas sim, como uma antropologia humanista ou uma nova filosofia que tem no cerne de seu entendimento a compreensão do ser humano a partir do próprio ser humano enquanto sensorialidade. Nossas hipóteses são de que Feuerbach, por ter tratado acerca do tema da religião acabou sendo relegado apenas como um hermeneuta do cristianismo ou ateu inveterado, o que não parece ser completamente aceitável. Sua filosofia buscou, acima de qualquer coisa, a compreensão de uma antropologia filosófica fundada no ser humano sensível, pois para o existir humano existem condições que predispoem a existência da sensorialidade humana tais como moradia, alimento, educação, trabalho, mas que, ao que parece, foram temas esquecidos no pensamento feuerbachiano. Feuerbach buscou na religião apenas a defesa de sua teoria sobre o ser humano completo. Nossas conclusões foram de que apesar de Feuerbach ser tratado como “ateu missionário” ou “ateu inveterado” ou até mesmo um mero crítico da religião, buscou sempre, mesmo que de forma não tão explícita, resgatar os homens de sua condição religiosa insensível, sem a mediação com o conteúdo material do mundo. Em suma, Feuerbach foi um dos maiores precursores da antropologia moderna, visto que centralizou o homem nas questões terrenas.

**Palavras- chave:** Feuerbach; Ateísmo; Antropologia; Sensorialidade.

**ABSTRACT:** Ludwig Feuerbach's thinking has as its fundamental proposal the understanding of religious phenomena through the reduction of these phenomena to the human dimension. Thus, here I will seek to understand in what aspects Feuerbach's philosophy should not be characterized merely as an “atheistic philosophy”, but rather as a humanist anthropology or a new philosophy that has at the heart of its understanding the understanding of the human being from of the human being himself as sensoriality. Our hypotheses are that Feuerbach, because he dealt with the topic of religion, ended up being relegated simply as a hermeneutist of

<sup>1</sup>É importante destacar para o leitor sobre o uso das aspas na palavra “ateísmo” no título deste trabalho. Optou-se pela utilização das aspas pois, a compreensão de ateísmo que aqui tratou-se, não se segue de uma espécie de ateísmo como mera negação da experiência subjetiva com Deus, como compreendido pelo senso comum na contemporaneidade (TOMASONI, 2015), mas parte da exploração e interpretação dos mecanismos psicológicos mais profundos que agem nessa experiência de encontro do homem com Deus, que, em seu segredo, trata-se apenas do ser humano, mas estranhado de si mesmo. Assim, compreendemos que o ateísmo de Feuerbach precisa ser verificado com bastante cautela, visto que seu pensamento não está calcado na negação de Deus, mas na afirmação do homem. Se ocorre a negação de Deus quando se eleva o homem, não é o objetivo primário de Feuerbach, mas parece ser um problema interno da própria religião (SOUZA, 1994).

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. ORCID: 0000-0003-0835-033. E-mail: kelvin.melo@edu.pucrs.br.

<sup>3</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Paris I (Pantheon-Sorbonne, 1997). Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: 0000-0002-7967-4109. E-mail: abavaresco@pucrs.br.

Christianity or an inveterate atheist, which does not seem to be completely acceptable. His philosophy sought, above all else, the understanding of a philosophical anthropology founded on the sensitive human being, because for human existence there are conditions that predispose the existence of human sensoriality such as housing, food, education, work, but which, to what It seems that these were forgotten themes in Feuerbachian thought. Feuerbach sought in religion only the defense of his thesis/theory of the complete human being. Our conclusions were that despite Feuerbach being treated as a “missionary atheist” or “inveterate atheist” or even a mere critic of religion, he always sought, even if not so explicitly, to rescue men from their insensitive religious condition, without mediation with the material content of the world. In short, Feuerbach was one of the greatest precursors of modern anthropology, as he centered man on earthly issues.

**Keywords:** Feuerbach; Atheism; Anthropology; Sensoriality.

## Introdução

A crença em deuses foi critério para explicação da existência do mundo e da natureza como forma de intervenção divina bem como forte atuante na composição da moral social dos indivíduos desde os tempos antigos. A religião estabeleceu-se primariamente como forma de explicação dos fenômenos naturais e na composição de um corpo social comum, que compôs limites morais para o ser humano ainda rude, na sua fase de incultura. A crença em deuses na fase primitiva da humanidade foi a base para a construção de um modelo de vida ajustada em leis que tinham por meta a autopreservação da humanidade (FEUERBACH, 2009).

O início do século XVIII marcou profundas modificações na humanidade a respeito do conceito de pessoa através do *Illuminisme* francês e do *Aufklärung* alemão com diversos pensadores que marcaram novas visões de mundo (*Weltanschauungen*). A suspeita sobre a existência de uma figura divina, proposta por figuras centrais tais como Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), Sigmund Freud (1856 – 1939) e Karl Marx (1818 – 1883), chamados de *mestres da suspeita* por Paul Ricoeur (RICOEUR, 1977, p. 28-40) na modernidade, trouxeram grandes questionamentos sobre a questão da experiência humana com o mundo. Esses pensadores fundaram suas teorias em função da pessoa humana.

De acordo com Tomasoni (2015, p. 214) o ateísmo ainda é um acontecimento recente na história do mundo ocidental e entre os gregos antigos, era raro ou até mesmo ausente. Apenas eram acusados de ateísmo aqueles os quais não tinham para si os deuses tradicionais da cidade nas quais viviam, ou seja, eram considerados como ateus aqueles que não adoravam os mesmos deuses de outro determinado grupo. Até mesmo Epicuro, que posteriormente foi tomado como

ateu, em nenhum momento negou a existência de deuses, mas negou tão somente o interesse dos deuses pelos assuntos humanos. Nessa empreitada “só no desenvolvimento do século XVIII que surgiram pensadores que afirmaram abertamente a inutilidade, ou antes, a nocividade de assumir a existência de Deus para explicar o mundo ou apoiar a obrigação moral”.

Segundo Zilles (2008, p. 40-51), Nietzsche explora a ideia sobre a "morte de Deus", que se refere a desmascarar o Incondicional como condicionado. Isso resulta na perda de fé em Deus, comprometendo a credibilidade como base da verdade e valoração. Em contraste, Marx, em sua fase madura, desloca a crítica do celestial para a terrestre, transformando a crítica da religião em crítica do direito e a crítica da teologia em crítica da política. Por outro lado, Freud interpreta que a religião desempenha a função de escapar da dura realidade do mundo, considerando-a uma doença do espírito. Ele a caracteriza como uma regressão à infância, uma vez que, na vida adulta, persiste o sentimento de desamparo diante do mundo, semelhante ao experimentado na infância.

Segundo Souza (1994), Ludwig Andreas von Feuerbach (1804 – 1872) foi uma das figuras mais importantes para o desenvolvimento da antropologia moderna e ampliou o debate sobre a religião. Seu debate com Hegel, Schelling e Fichte contra o idealismo alemão e a teologia cristã foram decisivos para a fundamentação de sua filosofia. Além disso, Feuerbach ocasionou também grande influência sobre o pensamento de Freud (GAY, 2012, p. 45) e Marx (SCHÜTZ, 2011) no que diz respeito ao tema das bases do inconsciente (TOMASONI, 2015, p. 98) e da alienação no trabalho moderno.

Segundo Espíndola (2022), Feuerbach criticou duramente as religiões, especialmente o cristianismo, por ser em sua época, na Alemanha, uma religião que exercia grande influência sobre a filosofia e política, e que ainda possuía fortes raízes no feudalismo. Assim, compreender Feuerbach através de sua antropologia é uma tarefa que exige cuidados em relação a possíveis rótulos imputados ao filósofo por conta de seu posicionamento humanista.

A pergunta fundamental desse trabalho é: como a proposta do “ateísmo” antropológico de Feuerbach nos fornece sustentação teórica para afirmar que a irreligiosidade (e não o ateísmo na sua acepção contemporânea) pode ser uma das mais importantes ferramentas a serem trabalhadas para a restauração do ser humano enquanto ser real, sensorial ao indicar a superação da imaterialidade religiosa cristã? As possíveis respostas para esse problema são apontadas por Feuerbach em suas obras, e duas delas foram escolhidas para serem trabalhadas junto ao problema proposto. Optou-se aqui por trabalhar *A Essência do Cristianismo* (1841) e *Preleções*

*sobre a Essência da Religião* (1851) por considerarmos serem obras de grande destaque do pensador no meio filosófico que abordam o tema de maneira fecunda.

Na primeira seção destacaremos que o “ateísmo” de Feuerbach está para além da crítica à existência de um Deus, mas acima de qualquer coisa, concentrou-se exclusivamente na afirmação do humano. Assim, o debate se centrará na questão do ateísmo em Feuerbach e propor que sua visão está mais para uma antropologia humanista, ou nova filosofia, do que para uma simples etiqueta de ateuista.

Na segunda seção buscarei entender a compreensão feuerbachiana acerca do aspecto sensível da natureza. A natureza concebida como positiva e única possibilidade da existência é lançada para um plano primário, o que justifica esse posicionamento de defesa da sensibilidade como processo superador e restaurador da religião cristã, visto que a proposta de Feuerbach é trazer o ser humano para suas condições terrenas, para a sua relação com os outros.

Na terceira e última seção será destacado como as noções de corpo e sensorialidade<sup>4</sup> ocupam papel central na filosofia de Feuerbach, apresentando sua proposta de defesa do humano integral. A própria afirmação da sensibilidade enquanto fundamento para a constituição da natureza e do humano integral, faz com que a proposta “ateísta”, ou melhor dizendo, antropológica, coloca em segundo plano toda e qualquer tipo de imaterialidade ou especulação, seja ela teológica ou filosófica.

### **Breves considerações sobre o ateísmo antropológico de Feuerbach**

Feuerbach criticou duramente os sistemas religiosos e filosóficos de sua época na Alemanha do Século XIX, especialmente o cristianismo e o idealismo. Geralmente situado entre Hegel e Marx, Feuerbach parece não possuir grande notoriedade na academia brasileira, e o que pode ser consequência disso é a limitação de sua filosofia à mera crítica da religião: “É aqui que se chega à conhecida associação entre Feuerbach e a crítica da religião, [...] reduzindo

---

<sup>4</sup> Segundo Brandão in Feuerbach (2009), a palavra alemã *Sinnlichkeit* utilizada por Feuerbach em sua obra *Preleções sobre a Essência da Religião* pode confundir o leitor na sua tradução em língua portuguesa, que pode ser encontrada como sensibilidade, em algumas traduções, ou até mesmo como sensualidade. Para Brandão, esses parecem não serem os melhores termos para designar o cerne do pensamento, visto que a *Sinnlichkeit* pode ser confundido com emoção ou sentimento ou até mesmo com a noção vulgar de sensual. Assim, utilizou-se a palavra sensorialidade, sugerida pelo tradutor da referida obra de Feuerbach, como sendo a melhor opção visto o objeto aqui analisado. Outras palavras como sensitivo e sensitividade também podem ser opções boas sugeridas pelo tradutor para designar a compreensão de Feuerbach sobre o movimento da percepção humana acerca da sensibilidade.

sua vasta bibliografia a este único problema” (LIMA FILHO, 2017, p. 23). Esse reducionismo a uma filosofia da negação de Deus rendeu ao pensamento de Feuerbach a supressão de questões que também foram tratadas pelo filósofo em prol do ser humano.

O posicionamento “ateísta” em Feuerbach pode ser melhor situado como de defesa antropológica que se revela pela demonstração do lado avesso da religiosidade, ou seja, de um *humanismo*, visto que, a experiência religiosa é rebaixada à experiência humana, e demonstra que as vontades e necessidades da religião são necessidades do ser humano material, histórico e sensível, mas estranhadas. As manifestações religiosas são, assim, representações da consciência genérica humana, mas que se objetivam de forma maquiada, metaforizada, fantasiada, fruto da vontade abstraída e ilimitada do ser humano através da capacidade do pensar. Assim, Feuerbach “procura acima de tudo a resolução do enigma que envolve todo o fenómeno [sic] da transcendência, através da reconstituição da sua gênese psicológica” (SERRÃO, 1999, p. 63). É desta forma que Feuerbach busca centralizar a discussão ateísta contida dentro do seu texto, ou seja, busca compreender a religião de sua fase final para sua fase inicial, que tem sua origem no psiquismo humano e que essa crença traz diversas consequências negativas não somente para o indivíduo, mas também para a comunidade política.

A distância e a diferença entre a atitude de Feuerbach e a de recentes ateístas são enormes. Estes são convictos de que hoje, após Darwin e as intervenções técnicas, a religião mostrou-se totalmente supérflua ou nociva. Pelo contrário, Feuerbach sabia que o homem é muito mais complexo do que o conceitua a ciência natural e que a religião é profundamente ciente disso. Ele examina os mistérios do cristianismo buscando neles profundas verdades (TOMASONI, 2015, p. 36).

Segundo Souza (1994, p. 32-33), o “ateísmo” feuerbachiano tem como proposta fundamental a antropologia, uma vez que através de seu método de redução compreende os atributos da divindade e arranca dela aquilo que ela possui de humano, terreno: “[...] uma vez que buscou mostrar que aquilo que era atribuído a Deus não passava de atributos humanos, a humanidade, no entanto, considerada do ponto de vista da sua espécie e não apenas do indivíduo” (SCHÜTZ, 2014, p. 133). Ou em outros termos, Feuerbach compreende como sendo do gênero humano aquilo que é considerado como sendo de Deus. Essa posição não pode ser confundida com o ateísmo vulgar ou simplista que tem como meta a destruição de Deus, mas sim, compreendê-Lo sob a perspectiva humanizada, através do entendimento de sua raiz. Tomasoni (2015, p. 116) ressalta que para Feuerbach: “[...] a religião, transformando-se em

doutrina e exigindo uma fé, constitui-se num obstáculo ao diálogo, pois pretende possuir a verdade absoluta”.

[...] Feuerbach, quando revela seu senso humanista, condenando aqueles que só sabem julgá-lo como ateu inveterado em razão de compreenderem, aliás, que sua meta é maior do que essa, deixando de lado a intenção de se mover no âmbito, digamos, simplista, denunciando análises viciadas e falsas, reiterando erros colossais, dizendo-o ateu em termos absolutos (ESPÍNDOLA, 2022, p. 190).

Feuerbach admite Deus enquanto “uma ideia da razão, um conceito-limite do entendimento” (SERRÃO, 2014, p. 33), em que examina e interpreta os fenômenos psicológicos ali envolvidos que dão destaque a existência de um “não-eu” desconhecido pelo próprio ser humano. Eu e não-eu fazem parte da constituição da consciência humana, sendo que, na religião, o não-eu, ou Tu, não é visto como outro ser humano, mas sim, o próprio gênero humano colocada em uma *persona* alheia à sensorialidade humana. A redução do divino ao humano, ou elevação do ser humano, resulta nesse tratamento de ateu militante, mas que precisa ser ponderado, visto que cumpre o seu papel primário de discutir a noção de humano.

Serrão (1999, p. 56-63) destaca que ocorre em Feuerbach, além do *processo de redução* ao qual submete o fenômeno religioso no qual transforma em humano os atributos divinos, também o *processo de inversão*, que ao transformar a divindade em humano, dá ao humano as características que outrora pertenciam somente a Deus, mas ao serem reduzidas transformam-se em capacidades humanas.

Esse objetivo principal é perseguido com a redução da essência objetiva da religião à sua essência subjetiva (a essência humana) e com a redução dos predicados ou determinações divinas a seu verdadeiro sujeito, o gênero humano. “na verdade, o que será demonstrado neste livro de modo por assim dizer *a priori*, i.e., que o segredo da teologia é a antropologia (...) A teologia já de há muito se transformou-se em antropologia” (SOUZA, 1994, p. 34).

Feuerbach buscou assim reduzir o conteúdo divino ao conteúdo humano, visto que ao aumentar as possibilidades do homem automaticamente derrubou a “força” de Deus. Não parece que Feuerbach estava preocupado com a crença em Deus, mas antes disso, com as consequências que esta ocasionava em sociedade, quando os seres humanos deixaram de acreditar em si mesmos, na própria comunidade humana enquanto real, política para se deixarem levar pela possibilidade de uma teologia vivida apenas na teoria. “O ponto de partida [em Feuerbach] não é mais Deus, como em Hegel, e sim, o próprio homem [...] o homem não é mais o homem cartesiano da razão, e sim o homem corpóreo, concreto. *Vê-o não como*

*indivíduo isolado, mas como espécie*” (ZILLES, 1991, 107). Feuerbach (2012) diz que a diferença entre um ser humano e *outro ser humano* é de que apenas ocupam corpos diferentes, mas comunicam entre si percepções sensoriais que apesar de distintas, apresentam-se ao ser humano como “iguais” ou universais.

A diferença essencial entre o humano e o animal se dá pelo fato de o primeiro ter religiosidade e o segundo não. A consciência em seu sentido mais grosso, de percepção sensível, não pode ser negada aos animais não humanos, visto que eles também, assim como os animais humanos, possuem aquele grau de discernimento sensorial. Segundo Souza (1994, p. 44) “esta diferença essencial é a consciência tomada em sentido rigoroso. Neste ponto apresenta duas espécies de consciência, uma própria do ser humano, consciência em sentido *rigoroso*, e outra que está também nos animais, em sentido *amplo*”.

Por “essência”, Feuerbach entende as características que permitem que um tipo de ser (uma espécie) se sustente em sua existência, as condições de seu ser. Para os seres orgânicos, a essência denota mais especificamente as condições biológicas internas e externas (“naturais”) necessárias para a reprodução desse ser. Isso significa que, para Feuerbach (assim como para Hegel), a identidade do sujeito e do objeto não é “inerte”, mas dinâmica. O sujeito torna-se o que tem que ser de acordo com sua essência, relacionando-se dinamicamente com seus objetos essenciais. Um “sujeito” não deve ser postulado como um ser autárquico, como uma “substância”, existente em si mesmo antes da qualificação de ti em seus predicados ou independente de interações com outras “substâncias” (DERANTY, 2015, p. 292, tradução nossa).

Diferente do ser humano que se relaciona com dois mundos, um externo e um interno “tem o animal apenas uma vida simples, mas o homem uma dupla: no animal é a vida interior idêntica à exterior – o homem possui uma vida interior e uma exterior” (FEUERBACH, 2012, p. 35). Nesse sentido, enquanto o animal é completamente determinado pela natureza em que vive, o ser humano, ao mesmo tempo em que também é determinado pela natureza determina-a também pois transforma o mundo de acordo com as suas necessidades.

Para Alves (2010, p. 74), o ser humano, por possuir a capacidade de transformar o mundo através da criação de seus artefatos, sejam eles de natureza física ou cultural, por não ter conhecimento acerca de suas próprias criações como suas, acaba admitindo a possibilidade de um criador para si, pois enquanto seres individuais desconhecem ou ignoram o desenvolvimento da história da humanidade e lançam suas criações para outro criador que está acima da humanidade; como um ser que cria, também acredita ter sido um dia criado. Feuerbach descreve as bases do sentimento religioso, que ocorre apenas no desejo fantasioso e a aproxima



da realidade humana concreta. Assim, "nesta [na religião], a causa idealizada torna-se uma causa real e a ideia [*sic*] se converte em realidade" (ALVES, 2010, p. 74).

Essa leitura da filosofia de Feuerbach não segue somente da exposição da parte negativa da religião, mas sim, da compreensão de que a essência do gênero humano (amar, querer, conhecer) é atributo e predicado do gênero humano e não de um outro ser estranho. Assim, a junção dessa tríplice, quando objetivados de forma estranhada pelo humano formam a noção de Deus, que é a própria consciência humana objetivada, ou seja, o próprio sentimento autônomo elevado à potência, que é chamado de Deus. A sobre-humanidade que é colocada na divindade diz apenas respeito à infinitude do gênero humano que é construída histórica e materialmente, mas abstraída das limitações do tempo, da história e da sensibilidade. Nesse sentido, "à religiosidade recuperada com sentido de vida, corresponde, por contraposição ao ateísmo teórico ou metafísico, um ateísmo prático" (SERRÃO, 1999, p. 378).

A posição de Feuerbach não trata de uma refutação ou abdicação pessoal da crença numa divindade, mas de "provar que a oposição entre o divino e o humano é apenas ilusória, isto é, nada mais é do que a oposição entre a essência humana e o indivíduo humano" (FEUERBACH, 2012, p. 45). Percebe-se nessa perspectiva, então, o estágio embrionário de uma não-religião, ou de uma nova religião, que é tratada somente nos aspectos humanos concretos, reais e possíveis em que se reconhece o caráter verdadeiro ou positivo do sentido da religiosidade.

Dizer-se que o filósofo não é, realmente, ateu no sentido convencional não é possível; também este exagero da crítica negativa, destrutiva, não se faz de todo correto, acertado, legítimo, pois a descrença não assume-se enquanto valor absoluto, existindo apenas como um fenômeno que tem este sentido plástico, passível de ser produzido na experiência, mas apreendido, depois, enquanto conceito, como ateísmo, relativo, parcial (ESPÍNDOLA, 2022, p. 191).

Muito embora não pareça haver conclusões de Feuerbach sobre a superação da religiosidade, algumas reflexões a partir de suas obras conduzem-nos à educação, a ação civil e política (SERRÃO, 1999, p. 380-382), para que essa orientação da nova vida e filosofia pautadas na sensorialidade, ou seja, na realidade humana, possam conduzir os seres humanos à humanização da razão. Essa qualidade de ateu inveterado imputada a Feuerbach é exatamente criticada pelo reducionismo de um amplo trabalho antropológico que aprofundou o conhecimento acerca do ser humano. Assim, é possível chamar Feuerbach de ateu? Acreditamos que o título de ateu pode ser ponderado e tratado com cuidado, visto as



compreensões da contemporaneidade a respeito do ateísmo. Feuerbach é ateu apenas na medida em que afirma o homem como ser criador, (in)dependente e livre.

### **Irreligiosidade enquanto afirmação da Natureza**

Segundo Chagas (2010), Feuerbach destaca a aversão que o cristianismo possui da natureza, visto ser ela negativa, material e transitória. Deus, o ser absoluto e imaterial parece ir na contramão do sentido real de vida, pois tudo aquilo que o Deus cristão é, é enquanto uma negação da materialidade da natureza. O cristianismo toma para si um Deus que, apesar de distante materialmente, apresenta-se subjetivamente com bastante força e potência, visto que é guiado apenas pelo sentimento, imaginação e fantasia dos seres humanos.

Segundo Feuerbach (2009, p. 261) “o cristão deseja para si e crê numa existência, numa vida que esteja livre de todas as privações e necessidades da natureza; em que ele viva, mas sem precisar respirar, dormir, comer, beber, procriar, parir [...]”. No cristianismo, há uma perda do sentido da materialidade, pois Deus não possui vínculo com a natureza e nem é representado diretamente através dela, mas por meio do espírito humano, ou seja, “deus é o sentimento puro, ilimitado, livre” (FEUERBACH, 2012, p. 43). “O Deus cristão é um Deus que surge da alma do espírito, é abstraído do espírito” (FEUERBACH, 2009, p. 291). A partir disso, o cristão segundo esse pensamento de Feuerbach está preocupado unicamente com o pensamento, com o espírito, com a imaginação como se estas fossem possíveis sem a existência de um corpo.

O Cristianismo identifica o individual com o gênero, a essência particular com a universal, porque nele o conceito de Deus coincide com o conceito da humanidade. De acordo com o entendimento de Feuerbach, no Cristianismo, Deus é, na verdade, o conceito do gênero enquanto indivíduo, isto é, ele é o gênero que está livre de todas as imperfeições do indivíduo e é outra vez, simultaneamente, uma essência individual, pessoal (CHAGAS, 2010, p. 58-59).

Feuerbach destaca que o ser humano sempre se relaciona com os objetos do mundo que fornecem para ele algum tipo de satisfação para os seus sentidos. As suas próprias necessidades orgânicas tais como a luz do sol que ilumina seus olhos para caçar, coletar e até mesmo para a comida que chega até ao seu estômago são objetos de sua necessidade. Mas não somente o alimento é uma necessidade do estômago, mas como também a necessidade de comer, de se deliciar com o prazer do alimento, pois “não é somente a barriga que é um órgão sensorial, mas também a cabeça” (FEUERBACH, 2009, p. 25).

A toda relação do homem com os elementos da Natureza subjaz o mecanismo primordial da *necessidade*, a *carência de (bedürfnis)* que faz parte integrante da essência humana, como assinalou a vertente descritiva das estruturas antropológicas, a qual se encontra, por sua vez, na raiz de um complexo mecanismo dúplice (SERRÃO, 1999, p. 280).

Segundo Arcanjo (2021), a adoração a fenômenos da natureza é chamada por Feuerbach de religiões naturais. Para Serrão (1999, p. 265), “essa tendência nasce como um mecanismo de defesa superador da insegurança e do desconforto das situações vividas [na natureza]”. No caso do cristianismo, diferentemente das religiões naturais, Deus não é mais simplesmente uma necessidade orgânica, mas também, uma necessidade moral, espiritual pois substitui “gradualmente a dependência directa [sic] da Natureza pela dependência relativamente ao grupo social” (SERRÃO, 1999, p. 265).

Como tu pensas Deus, pensas a ti mesmo – a medida do teu deus é a medida da tua razão. [...] Se, p. ex., pensas Deus como um ser corporal, então é a corporalidade a fronteira, o limite da tua razão, não podes pensar nada sem um corpo; se, ao contrário, retiras de Deus a corporalidade, então fortificas e confirmas com isso a libertação da tua razão da limitação da corporalidade (FEUERBACH, 2012, p. 67).

Para o cristão, “a natureza é, pois, a única limitação dos desejos humanos” (FEUERBACH, 2012, p. 261). Ao contrário do paganismo, ou daquele que tem como deus os fenômenos naturais, a necessidade ainda está na natureza e é por ela saciada. A diferença entre o cristianismo e as religiões naturais é que nas religiões naturais o sentido de divino ainda está ligado na materialidade, ainda que de forma não completa, enquanto no cristianismo o divino é o oposto da matéria, da natureza.

O desejo é o que move a ideia de vida eterna para o cristão, onde há o rompimento das barreiras da sua corporeidade individual para uma vida incorpórea, imortal, infinita que, quando observado mais de perto mostra que “[...] o além é apenas a realidade de uma ideia conhecida, a satisfação de um anseio consciente, a realização de um desejo [...] (FEUERBACH, 2012, p. 185).

O Cristianismo exclui do paraíso todos os limites e todas as adversidades que estejam ligados com a sensibilidade, com a natureza. Ele arranca o homem da natureza, pois o mundo externo contém por si um conteúdo que contradiz, segundo a vontade do cristão, um ideal de uma vida absolutamente ilimitada (CHAGAS, 2010, p. 59-60).

A limitação física imputada pela natureza sobre a consciência da finitude, a qual age segundo suas próprias regras não tendo o ser humano nenhum controle sobre ela, despertou no

ser humano a própria solução para esse problema: a religião cristã. O cristianismo transforma a compreensão universal do ser humano, pois não trata mais da necessidade de um povo ou de uma nação, mas do ser humano enquanto gênero, no entanto, o faz de forma alienada, pois não vê na compreensão universal do ser humano o próprio homem, mas sim, em Deus, uma figura distante e que age misteriosamente segundo seus próprios desígnios.

### **Corpo e ser humano integral: a restauração da Sensorialidade**

De acordo com Rodrigues (2018, p. 87), a “sensação é o pressuposto necessário para a fundamentação do pensar. Ela [sensação] não acontece de forma isolada ou como um estado sensorial provisório; a sensação está em plena realização com nossa consciência”. Assim, na sensação estão englobados a percepção sensorial de corpo inteiro: “uma reconciliação entre ser e pensar, uma unidade entre natureza (matéria) e Deus (espírito)” (CHAGAS, 2021, p. 55). Quando Feuerbach menciona a junção entre percepção sensorial e pensamento, ele refere-se que deva existir entre os seres humanos um tipo de vínculo que seja permitido sentir de “corpo inteiro”, visto que a sensibilidade para Feuerbach é também sentimento, mas um sentimento que dialoga e resgata da realidade as condições da própria materialidade para pensar. O pensamento sozinho não define então a verdade da objetividade, mas somente quando o conteúdo sensível do mundo é dialogado com o pensamento e mundo.

Em seus escritos tardios, Feuerbach busca, assim, elaborar um “modelo de encarnação” de sensação (Wartowsky), no qual a sensação é ao mesmo tempo ontológica e um marcador epistêmico da realidade objetiva. Esta é a base para a afirmação intrigante de Feuerbach, de que “verdade, realidade e sensibilidade são idênticas” (Princípios, 51). A verdade só pode ser verdade sobre processos reais que precisam ser acessados “de verdade”, ou seja, através da encarnação, antes que qualquer processamento cognitivo adicional possa ocorrer (DERANTY, 2015, p. 294, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Para Feuerbach, as noções de tempo e espaço só podem ser conferidas através da sensorialidade, através de um corpo que ocupa um lugar no espaço que é necessária para a base do pensamento. “O homem não tem ideia ou suposição de uma outra realidade, de uma outra existência que não a sensorial, física” (FEUERBACH, 2009, p. 287). Assim, o que o ser

---

<sup>5</sup> “In his late writings, Feuerbach thus seeks to devise an “incarnation-model” of sensation (Wartowsky), in which sensation is both an ontological and an epis-temic marker of objective reality. This is the basis for Feuerbach’s puzzling, constantly repeated claim, that “truth, reality and sensibility are identical” (Principles, 51). Truth can only be truth about real processes which need to be accessed “for real”, that is through incarnation, before any further cognitive processing can take place”.

humano imagina como “outra existência” trata-se apenas de sua vontade projetada<sup>6</sup> a qual tem como base sua própria percepção sensível.

A vida do homem está relacionada com a corporeidade. No entanto, é nas categorias racionais que o homem pode compreender e interpretar o mundo. É a partir da consciência que o homem possui, a capacidade de desenvolver-se intelectualmente, que lhe é dado a possibilidade de atingir sua emancipação (MELO, 2011, p. 234).

Os sentidos possuem importância primordial e necessária para a representação do mundo em imagens mentais, as quais podem estar representadas por símbolos, conceitos os quais trazem à tona a organicidade do pensamento. O mesmo processo ocorre com as religiões que ao inverterem a imagem da natureza real numa natureza desnaturalizada, fazem para si as imagens de acordo com os desejos do pensamento e as suas respectivas necessidades. Outro aspecto interessante é a semelhança entre a religião e o sistema de formação do processo onírico, visto que as imagens representadas nos sonhos são desejos, vontades, as quais o homem não poderia realizar, por incapacidade ou medo, quando no estado de vigília.

Segundo Lima Filho (2017) e Deranty (2015), há em Feuerbach a recepção de um pensamento vinculado à materialidade, uma espécie de *Realismo Científico* em que é a materialidade que possui a condição primeva de constatação da verdade do objeto, mas que também o pensamento suspeita e dialoga a respeito da verdade apreendida pela sensorialidade. No diálogo entre percepção sensível e pensamento é que se traz à tona a verdade do objeto e não somente através da percepção sensível ou simplesmente através do pensamento.

As duas representações que habitualmente se associam a esta concepção – a alma está *no* corpo e a alma está *fora* do corpo – acusam uma natureza depreciativa, que é a pior representação do homem, uma vez que torna material e espacial uma união que é inteiramente imanente. A alma nunca poderia vir a persistir fora do corpo, porque não chega sequer a encontrar-se situada nele como se fosse uma parte ou uma coisa (SERRÃO, 1999, p. 40).

O corpo humano e sua alma (mente) são compreendidos como relacionados. O sentido do humano começa em seu próprio corpo. Essa compreensão não admite mais uma perspectiva psicologizante, em que a realidade é apenas mental, nem num empirismo mecânico, em que o

---

<sup>6</sup> “É interessante notar que a concepção de Feuerbach a respeito de Deus é considerada comumente como *projeção*. Segundo G. Amengual, porém, Feuerbach nunca utilizou este termo, que teria sido introduzido por E. v. Hartmann, em sua obra *História da Metafísica (Geschichteder Metaphysik)*, como caracterização da teoria feuerbachiana da religião” (SOUZA, 1994, p. 33).

objeto “externo” é critério único para validação da verdade, mas admite sim, a dinamicidade entre sensorialidade e pensamento.

O nosso corpo é, para nós, o objecto [*sic*] mais próximo, o nosso ser próprio que sempre nos acompanha, o mais familiar e imediatamente percebido como objecto [*sic*], o mais imediatamente sentido. O sentido interno fornece a consciência sensitiva de estados e movimentos corporais, de sensações de bem-estar e mal-estar, a experiência de si interiormente sentida de um ser corporizado (SERRÃO, 1999, p. 166).

As funções sensitivas tais como amar, querer e conhecer são caracterizadas por Feuerbach (2009, p. 43) como conectadas, não são entendidas como separadas e independentes umas das outras, pois “o que é subjetivo ou tem por parte do homem o significado de essência tem também *objetivamente* ou do lado do objeto o significado de essência”. O corpo se relaciona exclusivamente com o objeto de sua essência, como, por exemplo, os olhos que observam as luzes do céu tem a luz como seu objeto, os ouvidos que escutam o cantar dos pássaros tem o som, a pele que se excita ao sentir frio ou calor tem a exterioridade como objeto, a comida que passa pelo paladar tem no sabor seu objeto... ou seja, a consciência humana é a essência dos objetos que estão direcionados à essência dos sentidos.

Tudo o que o homem julga belo, bom, agradável é para ele o ser que unicamente deve ser; o que ele julga mau, horrível, desagradável é para ele o ser que não deve ser e por isso, enquanto e porque ainda existe, é um ser condenado ao desaparecimento, um ser nulo (FEUERBACH, 2012, p. 185).

Para Feuerbach (2009) a essência da sensorialidade é a essência da consciência contemplada na exterioridade. O eu, corporizado, também sente a si mesmo quando sente algo, ou seja, sente a sua própria corporeidade também em si mesmo; o que caracteriza essa dupla relação entre sentir e sentido na medida em que seu corpo é para o *Eu* também um *Tu*. Assim, a concepção de um Eu corporificado é visto como critério necessário para a constituição do pensar, do sentir e do agir nesse ser-em-relação, uma vez que Feuerbach defende a primazia da sensorialidade sobre o pensamento.

A sensorialidade humana outrora perdida nas religiões, em especial no cristianismo, manifesta, assim, o aspecto da transformação empírica, material e psíquica do existir. A antropologia feuerbachiana tem como meta principal o resgate da sensorialidade como forma de restauração do ser humano integral. A encarnação ou incorporação da filosofia toma como princípio básico a existência dentro da natureza, do mundo como forma de restituir a sensibilidade dos conceitos teológicos e filosóficos que foram perdidos com a tradição.

## Considerações finais

O ateísmo em Feuerbach pode ser destacado como uma forma de tratamento àqueles que, de alguma forma, excluem das entidades transcendentais ou ficcionais as explicações para a razão da existência. Em Feuerbach, recepciona-se um “ateísmo” o qual não tem como intuito principal a destruição da religião, mas sim compreender os segredos que são transmitidos através de sua linguagem, e o que os desejos mais secretos do ser humano são revelados naquilo que ele venerar.

Seria até injusto, seja contra a pessoa do autor ou de suas obras, se julgássemos tudo isso como um mero ateísmo ou se seu ateísmo não fosse ponderado pela análise de sua filosofia. A filosofia feuerbachiana é consequência do desenvolvimento de uma antropologia filosófica profunda, que buscou entender o ser humano e sua dimensão religiosa através do olhar do próprio ser humano.

## Referências

ALVES, W. A crítica feuerbachiana da religião: um contributo à compreensão do conceito de alienação religiosa. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 71-76, maio 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/3466>.

ARCANJO, Rosângela Fonteles do Nascimento. *Sobre as religiões naturais em Ludwig Feuerbach* / 2021. 96 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Fortaleza, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60049/5/2021\\_dis\\_rfnarcanjo.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60049/5/2021_dis_rfnarcanjo.pdf). Acesso em: 09 set. 2023.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. *O conceito de natureza na filosofia de Ludwig Feuerbach*. *Trans/Form/Ação*, Marília/SP, v. 44, n. 03, p.51-68, jul-set 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.04.p51>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/XRTFtgxjLPN66MPNHMQjZsP/>. Acesso em: 8 set. 2022.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. *Philosophos - Revista de Filosofia*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 57–82, 2010. DOI: 10.5216/phi.v15i2.10857. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/10857>. Acesso em: 9 set. 2022.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. A religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. *Revista Dialectus*, Ceará, ano 2, n. 4, p. 78-91, jan-jun 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/5172/3804> Acesso em: 9 set. 2022.

DERANTY, Jean-Philippe. Feuerbach's theory of object-relations and its legacy in 20th century post-hegelian philosophy. *The Southern Journal of Philosophy*, v. 53, Issue 3, p. 286-310, September 2015. DOI: <https://doi.org/10.1111/sjp.12114>.

ESPÍNDOLA, A. Ludwig Feuerbach: por quê seu ateísmo é ponderável? *Griot: Revista de Filosofia [S. l.]*, v. 22, n. 2, p. 187–205, 2022. DOI: 10.31977/grifi.v22i2.2918. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/2918>. Acesso em: 6 jan. 2023.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. 2 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012.

FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre A Essência da Religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

LIMA FILHO, José Edmar. *Antropologia, Ética e Política em "A Essência do Cristianismo" de Ludwig Feuerbach* / José Edmar Lima Filho. – 2017. 147 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2017.

MELO, R. G. Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada. *Intuitio*, v. 4, n. 2, p. 224-236, 12 dez. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/9685>.

RODRIGUES, R. *Natureza e sensibilidade em Feuerbach: delineamentos de uma antropologia integral*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21998/2/Rodrigo%20da%20Silva%20Rodrigues.pdf>

SERRÃO, A. *A humanidade da Razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Adriana Veríssimo Serrão. Braga – PT: Fundação Calouste Gulbekian, 1999.

SERRÃO, A. A essência da religião em geral: uma análise da Introdução a Das Wesendes Christentums de Ludwig Feuerbach. *Ensaio Filosóficos*, v. X, Dezembro/2014. Disponível em: [http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo10/SERRAO\\_Adriana\\_A\\_essencia\\_da\\_religiao\\_em\\_geral.pdf](http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo10/SERRAO_Adriana_A_essencia_da_religiao_em_geral.pdf)

SOUZA, D. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach* / Draiton Gonzaga de Souza. – Porto Alegre, 2 ed. 1994. 84 p. Diss. (Mestrado) – PUCRS.

SCHÜTZ, R. *Religião e capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Freud*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TOMASONI, F. *Ludwig Feuerbach e a fratura no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

ZILLES, U. A crítica da religião na modernidade. *INTERAÇÕES*, v. 3, n. 4, p. 37-53, 11, 2008. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6707/6134>.

ZILLES, U. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulus, 1991.